

RESUMO: A informação é, de fato, um vasto domínio discursivo, que abarca gêneros textuais muito diversos, por exemplo, podemos encontrar uma variedade de gêneros textuais num jornal impresso. Neste trabalho, faremos uma abordagem do uso dos gráficos em 2 notícias, com base nas estruturas da notícia (van Dijk: 1992) e nas estratégias mobilizadas no discurso de informação midiático (Charaudeau:1997). Será necessária, primeiramente, uma breve apresentação das noções de gênero, texto e discurso. Procederemos, então, a uma exposição sobre os conceitos de acontecimento e informação, sobre a produção da informação, seus princípios reguladores e o contrato de comunicação midiático. O quadro analítico proposto por van Dijk servirá para identificar a estrutura temática de cada notícia analisada para, então, estabelecermos a possível correspondência entre o conteúdo temático da notícia e o conteúdo temático do gráfico apresentado junto a ela. Pretendemos, então, levantar algumas considerações sobre as funções dos gráficos na notícia impressa, tendo em vista algumas categorias levantadas por Charaudeau (1997) de acordo com o duplo contrato informação - captação.

ABSTRACT: Information is, in fact, a wide discursive domain which comprises diverse genders of texts, for example, we can find a large amount of textual genders in a newspaper. In this paper, we'll make an approach to the usage of graphs in 2 news, based on structures of printed news (van Dijk, 1992) and strategies which are mobilized in discourse of mass media information (Charaudeau, 1997). At first, it will be necessary to make a brief presentation of the concepts of gender, text and discourse. We will proceed, then, to an exposition about the concepts of happening and information, about the production of information, its regulatory principles and the contract of mass media communication. The analytic square proposed by van Dijk will serve to identify thematic structure of each analyzed news for we to establish the possible conformity between thematic content of news and thematic content of the graph which was presented by it. So we aim to arise some considerations about the function of graph in printed news, looking at some categories raised by Charaudeau (1997) according to double contract information – captivation.

1. Texto, gênero e discurso

Na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo (Bronckart,1999) os textos, indexados ao constructo histórico do intertexto, encontram-se agrupados em gêneros, de acordo com relativas regularidades que apresentam, tendo em vista as situações de produção e uso (ações) nas quais se desenvolveram. Os gêneros de texto relacionam-se a domínios discursivos, que designam uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Segundo Marcuschi (2005:23):

Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc, já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

A noção de domínio discursivo é um dos critérios fundamentais na formulação dos agrupamentos de gêneros propostos por Dolz, Noverraz & Scheneuwly (2004) para o ensino. Os domínios discursivos, também chamados “domínios sociais de comunicação” implicam determinadas capacidades de linguagem dominantes. Assim, notícia e reportagem, por exemplo, estão relacionadas ao domínio de “documentação e memorização de ações humanas”, cuja capacidade linguageira dominante é o relato ou a “representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo”. Os autores advertem sobre o caráter “maleável” dos

¹ e-mail: viviane.martins@gmail.com

agrupamentos, admitindo a impossibilidade de se encaixar de forma absoluta um gênero em um dado agrupamento.

Julgamos importante colocarmos as definições precisas dos conceitos que se repetirão aqui. Por isso, quando nos referirmos ao discurso da informação, é ao domínio discursivo de “documentação e memorização de ações humanas” que nos reportaremos. Mencionaremos a palavra gênero somente no tocante ao texto, sendo a notícia e o gráfico gêneros textuais objetos de nosso estudo. Acreditamos que qualquer análise textual executada nos moldes das teorias apontadas, que reconheça, juntamente com Marcuschi (2005:24), que “os textos realizam discursos” é, necessariamente, também uma análise do discurso.

2. O discurso da informação e a produção da notícia

Juntamente com Mouillaud (2002:56), “Chamaremos acontecimento a modalidade transparente da informação; aquilo que, então, aparece como figura é seu objeto: os acontecimentos aos quais se refere a informação formam o mundo que se supõe real.” A opacidade da linguagem faz da informação uma recriação da realidade pelos recursos midiáticos. Também as imagens utilizadas junto à informação têm sua opacidade, haja vista a seleção que se faz do que agradaria mais ao leitor ou telespectador. O acontecimento é temporal, ao contrário da informação, que segue um princípio de atualidade, é dotada de presença, ainda que esta seja forjada, já que, nas palavras de Mouillaud (2002:177), “o hoje da informação é o ontem do acontecimento”. Por esse caráter de presença, ao contrário da narrativa, que se situa num mundo autônomo², a informação constitui um mundo implicado com relação ao mundo do leitor. Charaudeau (1997:172) se refere ao discurso da informação midiática como portador de um caráter essencialmente fugaz e ahistórico. Tenta-se aproximar ao máximo o instante do surgimento do acontecimento, o instante da produção midiática, o instante da saída do produto midiático e, finalmente, o momento do consumo da notícia. Isso que talvez poderíamos chamar de um “efeito de atualidade” busca compensar a defasagem entre o instante do surgimento do acontecimento e o momento em que o leitor o conhece.

Fazer saber ao cidadão o que ocorre na vida social, seja no espaço que ele habita ou em outro distante, é o propósito da instância midiática, realizado através das atividades lingüísticas de descrição, referência aos fatos do mundo, e de explicação, que busca esclarecer ao destinatário as causas e conseqüências dos fatos. Estas duas atividades são designadas respectivamente por Charaudeau (1997:214) como relato e comentário, e, apesar de suas finalidades opostas, estão intrinsecamente unidas, de forma que relata-se comentando e comenta-se relatando. São executadas segundo as exigências de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade.

A exigência de visibilidade intenta a fácil localização das notícias pelo leitor, o que estabelece a paginação (seções, fotografias, gráficos, tipos de colunas) e titulação (títulos, subtítulos, leads), formas que cumprem um tripla função: “fática, de contato com o leitor, epifânica, de anúncio da notícia, e sinóptica, de orientação visual do leitor no espaço informativo do periódico.” A exigência de legibilidade envolve um trabalho de exposição o mais claro possível dos acontecimentos produzidos no espaço público, de modo que eles sejam acessíveis ao maior número possível de leitores dentro de um público alvo. Apesar de coincidir com a exigência anterior, no que concerne a paginação das notícias e a redação dos títulos, ela se manifesta mais especificamente na configuração de gêneros como as notícias breves, bilhetes, etc. Por último, convém-nos citar a exigência de inteligibilidade, que, unida às anteriores, também se manifesta em alguns elementos da paginação, mas, inclinando-se mais ao comentário do acontecimento, encontra sua expressão em textos que Charaudeau (1997) denomina “comentadores”, como exemplares de editoriais e crônicas.

A representação dos fatos num jornal é resultado de um processo de mediação entre as fontes e o alvo receptor da informação, que implica transformação da informação já captada junto à fonte, o que confere à notícia uma autoria múltipla, que faz da informação jornalística espaço polifônico, ou, nas palavras de Mouillaud (2002:58), “regime de enunciação complexo”. O filósofo, a propósito dos despachos de agência, descreve os dois níveis entre os quais opera-se uma dupla transformação:

- 1) Os enunciadores da comunicação inicial trocam de status; de destinadores e destinatários, tornam-se “fontes” citadas no interior do texto. O discurso primário é inserido dentro daquele do despacho de agência como uma citação.

² De acordo com Bronckart (1999), Os tipos de discursos (produto), semiotizados no texto pelos tipos lingüísticos, correspondem aos mundos discursivos colocados em funcionamento pelos arquétipos psicológicos (processo). Esses mundos apresentam graus diferenciados de conjunção / disjunção com relação ao mundo ordinário das instâncias de agentividade, e de autonomia / implicação com relação aos parâmetros físicos da ação ou interação.

- 2) Enunciadores de segundo grau intervêm: são os emissores (agenciais) e os receptores (clientes) do despacho de agência, mas não assumem o status de enunciadores em relação a uma comunicação que não é a sua.

O leitorado, no papel de co-enunciador e público alvo da informação, produto de consumo, exerce influência determinante nas operações de configuração; o tratamento da informação pauta-se, portanto, segundo Charaudeau (1997), num contrato de dupla face: de um lado a informação, de outro a captação.

O contrato de captação consiste de mecanismos retóricos como a espetacularização dos fatos, a dramatização, utilizados como estratégias de sedução do leitorado e mobilizados por uma situação de concorrência de mercado bem como pelo princípio de influência, o agir sobre o outro. O contrato de informação, que busca garantir a credibilidade do jornal e da informação, é regulado por quatro princípios básicos: princípio de pertinência (o que pode e deve ser dito), regulação (como deve ser dito), influência (todo ato visa agir sobre o outro) e alteridade (o outro é co-enunciador do ato de comunicação). A especificidade desses princípios, enquanto reguladores do contrato de informação, é questionável, já que, em qualquer produção textual, a imagem que se tem do outro, enquanto co-enunciador (alteridade), assim como o desejo de agir sobre ele (influência), determinarão o que pode e deve ser dito (pertinência), e como dizê-lo (regulação). Tais categorias são, portanto, reguladoras de toda a atividade de linguagem.

Para garantir a credibilidade de uma informação, uma estratégia importante é provar a autenticidade do que é dito pelo uso da imagem para exibir seres e fatos, pela reconstituição, no caso dos telejornais, ou pela explicação, através da voz de uma autoridade que confere seriedade ao que é relatado. Na notícia impressa, especificamente, utilizam-se a fotografia, a transcrição de depoimentos, como recursos para atestar a autenticidade e exibir seres e fatos. Os infográficos, recorrentes no jornal *Folha de São Paulo*, também parecem funcionar como meios de reconstituição dos fatos relatados, mostrando os cenários e a posição ocupada pelos seres no momento em que se desenrolava o acontecimento. Quanto ao funcionamento dos gráficos junto às notícias, supomos que consistem nas estratégias de credibilidade presentes na produção de notícias, obedecendo as exigências de visibilidade e legibilidade.

Uma análise discursiva de caráter mais cognitivista é encontrada nos trabalhos de van Dijk sobre o gênero notícia. No intento de explicar, cognitivamente, os passos que um jornalista supostamente segue na produção textual de uma notícia, e mostrar como eles resultam na estrutura característica de “pirâmide invertida”, ou estrutura de relevância, van Dijk (1992³:138 – 139) menciona os seguintes procedimentos:

- i) Ativar o modelo da situação atual, tal como foi formado pela interpretação de outros relatos noticiosos, despachos de agências e outros conhecimentos e crenças sobre a situação.
- ii) Derivar uma estrutura temática global deste modelo de situação, com objetivo de expressar esses temas através de um texto noticioso (em um contexto comunicativo, para o qual o jornalista tem também um modelo que, porém, vamos ignorar aqui).
- iii) Decidir quais dos temas principais da estrutura temática são os mais relevantes e importantes, dado um sistema de valores da notícia, ou outras normas, rotinas ou ideologias jornalísticas, como ‘recência’, negatividade, pessoas da elite, nações de elite, etc.
- iv) Iniciar a produção real pela expressão do tema principal mais relevante como manchete, e o resto da estrutura de topo de temas como o lead de um artigo noticioso.
- v) Cada parágrafo seguinte deverá desenvolver um tópico de nível imediatamente inferior, de acordo com os seguintes princípios de produção (estratégias de escrita):
 - a) Consequências importantes vêm em primeiro lugar
 - b) Detalhes de um evento ou ator sucedem-se à menção global do evento ou pessoa.
 - c) Causas ou condições de eventos são mencionadas após o evento e suas consequências.
(Informação contextual e de background vem por último.)

Em seus estudos sobre a estrutura temática e esquemática (formal) da notícia, esse autor preocupou-se substancialmente com macrofenômenos, estruturas apreendidas além do nível sentencial, deixando de lado a microorganização e questões de organização gráfica como *lay out*, e propriedades não verbais da notícia, como fotografias. Van Dijk (1992) descreve uma estrutura esquemática, um esquema formal da notícia, que organiza a estrutura temática do texto; um esquema no qual os tópicos gerais ou o conteúdo global devem ser inseridos. A **manchete** é a categoria que abre o esquema (van Dijk, 1992:134-135):

³ A publicação original é de 1985: In VAN DIJK, T. A (ed.) *Discourse and Communication*. Berlim, Gruyter Verlag.

o tópico mais alto ou mais importante é apresentado na manchete, o topo da macroestrutura completa do texto é formulado no lead, e as sentenças ou parágrafos iniciais do texto expressam um nível ainda inferior da macroestrutura, apresentando detalhes importantes a respeito de tempo, local, participantes, causas/razões ou consequências dos eventos principais.

Sob as categorias **Background** e **Citações** (reações verbais) encontram-se aquelas porções de texto em que se dá informação sobre o contexto social, político ou histórico geral ou as condições dos eventos noticiosos atuais. A categoria denominada **História** (relacionada às duas anteriores) organiza toda a informação noticiosa de natureza histórica geral: eventos do passado indiretamente relacionados com a situação ou eventos presentes. O **Evento Principal** é a categoria que domina a descrição dos eventos que são propriamente notícia. Não há apenas um evento principal, mas vários. Recorre-se aos **Eventos Prévios** para recordar os leitores do que aconteceu “antes”, e, assim, ativar seus modelos de situação relevantes. Devido ao princípio de recência, a notícia dedica atenção especial aos resultados ou consequências dos eventos. As **Consequências** consistem numa categoria geral que organiza todos aqueles eventos que são descritos como tendo sido causados pelo Evento Principal. O final de um artigo noticioso, contém conclusões, expectativas, especulações e outras informações sobre os eventos. Essas informações constituem a categoria de **Comentário**, que é opcional, como outras categorias do esquema⁴.

Acreditamos que esse esquema, que resulta na estrutura de “pirâmide invertida” das notícias estejam relacionadas à exigência de legibilidade (Charaudeau, 1997). Concordamos com van Dijk (1992:123), para quem fatores sociais, cognitivos e culturais exercem influência sobre as propriedades organizacionais das mensagens midiáticas. Formas estruturais e os sentidos globais de uma notícia não são arbitrários, mas “resultados de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, e uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro”. Podemos imbutir aí a exigência de legibilidade (Charaudeau, 1997) já exposta aqui. As mudanças pelas quais passou o leitorado ao longo da história, seus hábitos de leitura, provavelmente exerceram enorme influência na estruturação de notícias, e, mesmo, do jornal, um hipertexto⁵ impresso, espaço da integração de diferentes gêneros textuais. Basta observarmos que junto a notícias há fotografias, gráficos, infográficos, mapas, tabelas, que funcionam como verdadeiros links no texto verbal noticioso a fim de torná-lo o mais claro e atrativo possível.

3. Objetivo do trabalho e procedimentos de análise

O objetivo geral desse estudo foi verificar as relações que os gráficos podem estabelecer com as notícias em que são utilizados. Um desdobramento desse objetivo seria levantar algumas considerações sobre o uso da representação gráfica da informação pela notícia impressa. Nos propomos as seguintes perguntas para a análise dos textos:

- a) O gráfico apresentado corresponde, a uma sequência específica de proposições ou sentenças do texto?
a') Seria ele a “reconfiguração”, na forma que une o verbal e o não verbal, de uma categoria típica (van Dijk op. cit.) do gênero notícia?
- b) O gráfico acrescenta uma informação não expressa pelo texto verbal?
- c) Existe uma relação entre o gráfico e o princípio de relevância da notícia?

Foram analisadas 2 notícias que contém gráficos retiradas do jornal *Folha de São Paulo*. Para cada notícia e para cada gráfico estabeleceremos uma macroestrutura, a fim de observarmos se há uma coincidência entre tópicos dos dois gêneros. Tendo conhecimento da estrutura temática da notícia dentro do esquema postulado por van Dijk poderemos saber em qual das categorias esquemáticas o gráfico se insere em cada notícia analisada.

⁴ Nossa aplicação dessas categorias (ver quadros) mostraram que elas podem se fundir, de forma que citações trouxeram comentários (avaliações, expectativas) e causas do evento principal. Porém, não nos ocuparemos dessa discussão, que ultrapassa o objetivo do trabalho.

⁵ Segundo Lévy (1993) hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. O filósofo admite a existência de hipertextos impressos, dentre eles o jornal, já que trata-se de um suporte, não de um gênero.

Atribuímos a cada notícia uma estrutura temática, viabilizada pela teoria das macroestruturas semânticas (van Dijk, 1992:131), através da qual atribuímos um tema ou tópico a segmentos mais amplos da fala ou do texto, num trabalho de sentido e referência, para além do nível sentencial:

Os tópicos que atribuímos a um texto ou resumo que deles fazemos podem ser subjetivos. Podemos inferir de um texto o que é relevante ou importante para nós. [...] Isso significa que não deveríamos simplesmente dizer que um texto ‘tem’ uma macroestrutura, mas que uma estrutura desse tipo é atribuída ao texto pelo escritor ou leitor. Neste sentido, então, do mesmo modo que os sentidos em geral, os temas ou tópicos são unidades ‘cognitivas’. Representam como o texto é compreendido, o que é considerado importante e como as relevâncias são estocadas na memória. Isso significa que conhecimento, crenças, atitudes e ideologias podem operar na construção e representação cognitiva de macroestruturas.

Operamos no nível da macroestrutura do texto, ou seja, no nível superior, em que se descrevem os tópicos ou temas de um texto, ou seja, no nível global de sentido. Deixando de lado os detalhes do texto atingimos os tópicos, pelo processo de sumarização, que pode envolver os princípios de apagamento, generalização ou reconstrução, designados sob o conceito de macrorregras. Executa-se, assim, uma redução da estrutura de sentido complexa, detalhada, do texto a um sentido mais simples, geral e abstrato: a macroestrutura.

4. Análises

Análise Notícia 1: Piora desempenho da rede pública na Fuvest- *Folha de São Paulo*, 21/12/2005 – Caderno Cotidiano, p. C1:

O gráfico dessa notícia relaciona-se diretamente à manchete e ao lead, comprovando quantitativamente o conteúdo dessas categorias. A avaliação proveniente de uma leitura do gráfico já se encontra na manchete e no lead, o que podemos observar no trecho: “A queda é ainda mais significativa considerando o fato de que houve um aumento de 19,24% nos inscritos provenientes da rede pública”. Dessa forma, o gráfico da notícia esquematizada informa o evento principal de que trata o texto exercendo a função de sumário. Observamos também que o gráfico enfatiza a queda do número de aprovados para a 2ª fase, apresentando primeiro a comparação do número de inscritos em 2005 e 2006, juntamente com o segmento de texto: “cresceu 19,24% o número de inscritos do vestibular 2005 para 2006...”. Em seguida, apresenta os dados referentes à queda na aprovação, juntamente com o segmento “...mas caiu 9,48% o número de aprovados para a segunda fase”. Ambos segmentos de um período cujas orações estabelecem relação contrastiva apontam, cada um com uma seta, em direção aos gráficos comparativos. O mesmo sentido comparativo está presente na manchete, pelo vocábulo “piora”(a respeito do rendimento da rede pública na Fuvest). Dessa forma, o gráfico não se mostra tão objetivamente descritivo/ demonstrativo, mas acrescido de uma avaliação, ainda que implícita.

Análises da notícia 2: Idoso é o principal alvo de atropelamentos - *Folha de São Paulo*, 28/12/2005 – Caderno Cotidiano, p. C4

A notícia trata dos resultados de um estudo sobre as mortes no trânsito de São Paulo, realizado durante o primeiro semestre de 2005, que se baseou em dados do IML e boletins de ocorrência. No topo da macroestrutura está a constatação de que os idosos são os pedestres que mais morrem no trânsito. A ênfase nesse dado, que o coloca na manchete, funciona como um recurso de patemização (apelo emocional), mobilizado pela finalidade de captação do leitor. Entre as vítimas do trânsito, é conferida “vitimização” maior às pessoas de idade avançada, em oposição aos jovens, que, entre os condutores mortos, lideram as estatísticas. Essa estratégia está presente não só na manchete como nos comentários que fornecem causas do evento principal (ver quadro).

Os três primeiros parágrafos apresentam dados encontrados nos gráficos: a soma do número de mortes, número de pedestres mortos, etc. (ver evento principal / relato jornalístico – quadro). Mesmo assim, os gráficos são fundamentais para essa notícia, porque organizam e dispõem de forma espacial, visual e verbal um número considerável de informações quantitativas, atendendo às exigências de visibilidade e legibilidade.

É interessante o destaque que o gráfico situado na parte inferior confere ao número de mortes de pedestres de 2000 a 2005, cuja trajetória é representada por uma linha vermelha, enquanto o mesmo

movimento a respeito dos ocupantes de veículos é sinalizado pela linha amarela. Também o gráfico superior dá essa ênfase, apresentando o número percentual de pedestres mortos em um tamanho maior de fonte. O pequeno quadro situado próximo ao gráfico inferior enfatiza o maior crescimento do número de mortes entre os pedestres, tendo a expressão “cresceu 19%” em vermelho. Podemos observar, portanto, que há, não somente no texto verbal noticioso, mas também no gráfico, mecanismos que colocam em relevância os números maiores: pedestres mortos e pedestres idosos mortos.

O leitor que, sem tempo ou desejo de fazer a leitura de toda a notícia, ler a Manchete e o gráfico, já terá conhecimento da estrutura de nível mais elevado do texto, colocada no topo da macroestrutura. Nesse caso, terá a primeira recorrência do evento principal no texto.

4.1 Conclusão das análises

Os gráficos foram utilizados nas duas notícias analisadas para fazer uma exposição clara e sintética de vários dados, em grande parte numéricos, que, dispostos de outra forma, talvez não chamariam tanto a atenção ou não seriam facilmente fixados pelo leitor. Supomos que eles tenham sido criados dentro da necessidade de permitir que o leitor visualize informações já fornecidas pelo conteúdo verbal. As informações quantitativas ganham formas geométricas como apoio, cujos tamanhos são proporcionais aos números que representam, além de possibilitarem comparações entre o que é representado, bem como visualizações da variação de eventos, ações ou estados de um referente ao longo do tempo. Os gráficos sinalizam, pois, estruturas proposicionais, que, nos textos verbais, são inferidas e comprovam-nas (credibilidade) com números.

Auxiliam, portanto, o trabalho do leitor, bem como a retenção da informação na memória. A propósito da relação entre o não – verbal e a memória, podemos citar Lévy (1993: 44): “A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais.” Na notícia 1 o gráfico corresponde à categoria de sumário, que engloba manchete e lead. Na notícia 2, os gráficos correspondem à manchete, ao lead e às duas primeiras ocorrências da categoria evento principal. Nas duas notícias, percebe-se uma estreita relação entre o uso dos gráficos e a Relevância, que, segundo van Dijk (1992) é uma noção de particular importância na caracterização da notícia: “a notícia tem uma estrutura que indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto”.

5. Considerações finais

Para a análise que nos propomos fazer, tentamos manejar categorias dos autores Charaudeau e van Dijk. A partir de nossas análises, observamos que trata-se de dois enfoques teóricos que, embora tenham “raízes” distintas, podem, ao nosso ver, se complementar. O primeiro trata a informação de uma perspectiva mais social, que compreende, entre outros fatores, o processo comunicativo, as instâncias que dele participam, as exigências e os princípios reguladores das mensagens midiáticas, a transformação do fato em acontecimento. Seu objeto é o discurso. O segundo, de caráter mais cognitivista, toma como objeto e ponto de partida para considerações de ordem pragmática o produto da informação, o texto noticioso, que reflete a textualização do acontecimento: informação. Seu objeto primeiro é o texto, conseqüentemente, o discurso. Defendemos que van Dijk se ocupa da textualização, sem, no entanto, eximir-se de uma observação de ordem discursiva.

Interessa-nos um diálogo entre essas abordagens, pois uma análise lingüística de texto filiada ao legado bakhtiniano, como se pretende atualmente, pressupõe uma análise do discurso, que às vezes não é levada “às vias de fato” no tratamento ou descrição do objeto de estudo. Um estudo da ordem de lingüística textual pode ser bastante enriquecido ao buscar referências de base filosófica, social, discursiva, assim como um trabalho de análise do discurso precisa ancorar-se nas semiotizações lingüísticas de textos empíricos.

6. Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC. 1999. cap. 5, p. 137-217.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. *El Discurso de La Información: La construcción del espejo social*. [Margarita Mizraji (Trad.)] Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

EMEDIATO, W. A informação midiática entre as ciências da comunicação e a análise do discurso. In: *Movimentos de um percurso em análise do discurso*. BH; nad/fale/ufmg, 2005.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. [Carlos Irineu da Costa (trad.)] São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Machado e Bezerra (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOUILLAUD, Maurice. A Crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, S. (org.) *O jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. Posturas do leitor. In: PORTO, S. (Org.) *O jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. IN: ROJO, Roxane e Cordeiro, Glais (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de letras, 2004.

VAN DIJK, Teun A. Estruturas da notícia na imprensa. IN: KOCH, Ingedore V. (Org.) *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

ANEXOS

Notícia 1: Folha de São Paulo, 21/12/2005 – Caderno Cotidiano, p. C1

Estrutura temática	Categoria esquemática	
Piora desempenho da rede pública na Fuvest	Manchete	Sumário/relato jornalístico
Queda de 9,48% no número de aprovados na Fuvest oriundos de escola pública em contraste com o aumento de 19,24% dos inscritos provenientes da rede pública.	Evento principal	
Coordenador do exame, Roberto Costa, julga os candidatos despreparados para a complexidade da prova.	Causa do evento principal	Comentários
Causa do crescimento do número de inscritos na rede pública: aumento na oferta de isenções para a taxa de inscrição: 65 mil contra 60 mil no ano anterior, em que quase 20 mil não foram utilizadas.	Causa do evento principal	
Costa atribui a queda na aprovação de alunos da rede pública também ao fato de a prova ter sido mais difícil este ano.	Causa do evento principal	
Costa aponta fator positivo: reprovados já conhecem a prova para se prepararem para os próximos exames.	Consequência	
Queda na nota de corte em 91 dos 103 cursos.	Consequência	
Sérgio Custódio, MSU (Movimento dos Sem Universidade): necessidade de haver reserva de vagas aos alunos de escolas públicas.	Comentário - avaliação	
Protesto da ONG Educafro, na cidade universitária: cobrança de inclusão social efetiva.	Consequências/ reações	
Inclusão de alunos de escola pública no ensino superior público: uma das principais preocupações das universidades desde o começo da década.	Contexto/ background	Comentários
Suely Vilela, Reitora da USP, empossada há um mês: inclusão como prioridade no mandato. Promete alterações no vestibular.	Comentário / expectativa	

Gráfico da notícia 1: Os alunos da rede pública no vestibular da Fuvest

Índices dos vestibulares de 2005 e 2006
Crescimento do número de inscritos: de 59.374 (38,6% do total) a 70.796 (41% do total)
Queda na aprovação: de 7.278 (23,4% e, relação ao total na 1ª fase) a 6.588 (21,3% do total)

Notícia 2: Folha de São Paulo, 28/12/2005 – Caderno Cotidiano, p. C4

Estrutura temática	Categoria Esquemática
Idoso é o principal alvo de atropelamentos	Manchete
Principais vítimas do trânsito de São Paulo: jovens condutores e pedestres idosos	Lead
Estudo da CET (companhia de engenharia de tráfego durante o primeiro semestre de 2005: 31,5% dos pedestres mortos estão na faixa de 60 anos ou mais. 64% das vítimas que estavam nos veículos tinham de 16 a 30 anos. 714 mortes no trânsito, sendo mais da metade (370 vítimas) pedestres, seguidos pelos motociclistas (20%).	Evento principal/ relato jornalístico
Luiz Célio Bottura, engenheiro, ex-presidente da Dersa (estatal de rodovias): explicação para o número de mortes entre jovens é mais sociológica do que técnica: menos experiência de vida, de direção, mais badalações. Quanto ao índice de atropelamento de idosos, um dos fatores é a perda de agilidade, falta de educação do motorista e baixo nível do exame para a retirada da carteira de habilitação, além de a cidade não ser projetada para idosos.	Comentário - causas
Cláudio Macedo, engenheiro, sobre as mortes de pedestres: origem do problema é a falta de disciplina.	Comentário - causas
O estudo também indicou as vias da cidade que registraram mais mortes no primeiro semestre. Marginal Tietê, a mais violenta, com 28 mortes, sendo metade de motociclistas.	Evento principal / relato jornalístico
Levantamento apresentado ontem pelo secretário municipal dos transportes, Fernando Bussinger, e pelo presidente da CET, Rogério Scaringela teve como fontes dados do IML e boletins de ocorrência.	Evento principal/ relato jornalístico
Segundo eles, os números servirão de base para medidas de prevenção de acidentes.	Comentário/ expectativa – consequência
Entre as medidas analisadas: proibição do tráfego de motos na via expressa das marginais.	Consequência

Gráfico da notícia 2: Quem mais morre no estado de São Paulo

Mortes por tipo de usuário, em %: pedestre (52%), motociclista (20%) condutor ou passageiro (19%), ciclista (6%), sem informação (3%)
Mortes de pedestres dispararam em SP: total de mortes no trânsito no primeiro semestre de cada ano: 370 pedestres, 340 ocupantes de veículos.
Mortes de pedestres: crescimento de 19% (maior diferença em relação ao ano anterior desde 2000)
Vias campeãs de mortes no trânsito; número de mortes no primeiro semestre de 2005
Distribuição por faixa etária: 36,8% dos mortos tinham de 16 a 30 anos; 31,5% dos pedestres mortos tinham mais de 60 anos.

FOLHA COTIDIANO

PÁGINA C 1 ★ SÃO PAULO, QUARTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 2005 ★ CONCLUÍDO ÀS 20H41

EDUCAÇÃO Apesar de ter mais candidatos que em 2004, caiu 9,48% a aprovação de alunos dessas escolas para a segunda fase

Piora desempenho da rede pública na Fuvest

FABIO TAKAHASHI
DA REPORTAGEM LOCAL

O número de alunos de escola pública aprovados para a segunda fase do vestibular da Fuvest (que seleciona calouros para a USP) caiu 9,48% em relação ao exame realizado no ano passado. A queda é ainda mais significativa considerando o fato de que houve um aumento de 19,24% nos inscritos provenientes da rede pública.

Ou seja: houve mais candidatos e menos classificados para a segunda fase, a ser aplicada a partir de 8 de janeiro. No total, 170.474 candidatos se inscreveram.

"Na minha avaliação, esses alunos não estavam preparados para prestar uma prova complexa como a da Fuvest", afirma o coordenador do exame, Roberto Costa.

O crescimento do número de alunos da rede pública ocorreu principalmente pelo aumento da oferta de isenções da taxa de inscrição (que foi de R\$ 105). Neste ano, 65 mil conseguiram o benefício. No ano passado, foram oferecidas 60 mil, mas quase 20 mil não foram utilizadas. "Tivemos uma grande quantidade de alunos que normalmente não prestavam a Fuvest", afirma Costa.

O coordenador da Fuvest afirma que a queda na aprovação de alunos da rede pública também pode ser explicada pelo fato de que, da primeira fase, ter sido mais difícil neste ano, o que, segundo ele, diminui as chances de acerto dos estudantes que tiveram uma preparação inferior.

Como considera o índice de acerto de todos os vestibulandos, a nota de corte chegou a cair em 91 das 103 carreiras em disputa.

Apesar da queda entre os aprovados de escolas públicas, Costa vê um fator positivo: "Eles fizeram a prova e agora sabem o custo da USP. Isso vai gerar mais condições de se preparar para os próximos exames".

Representantes de movimentos sociais discordam de tal argumento. "É preciso que haja reserva de vagas. Estamos desperdiçando bons talentos da escola pública", afirma o coordenador do MSU (Movimento dos Sem Universidade), Sérgio Custódio. "Lá dentro, esses alunos pobres poderiam mostrar todo o seu valor".

A ONG Educato fez um protesto ontem na Cidade Universitária, no Butantã (zona oeste de SP). Doze manifestantes distribuíram panfletos cobrando uma "inclusão social efetiva". O coordenador da entidade, frei Davi Santos, afirma que concorda até que não seja implementada uma política de cotas. "Desde que a USP apresente um plano concreto de inclusão".

Desde o começo desta década, a inclusão de alunos de escola pública no ensino superior público tornou-se uma das principais preocupações das universidades —eles representam cerca de 85% dos matriculados no ensino médio de São Paulo.

Empossado há um mês, a reitora da USP, Susely Vilela, disse que o tema será prioritário no seu mandato. A instituição possui uma comissão que analisou a questão e propôs alterações no vestibular. As mudanças ainda não foram definidas.

OS ALUNOS DA REDE PÚBLICA NO EXAME DA FUVEST

■ Vestibular 2005 ■ Vestibular 2006

Cresceu 19,24% o número de inscritos do vestibular 2005 para o 2006.

...mas caiu 9,48% o número de aprovados para a 2ª fase

Indicador	Vestibular 2005	Vestibular 2006
Número de inscritos	59.374	70.796
Porcentagem em relação ao total	38,6%	41,8%
Número de aprovados na 1ª fase	7.278	6.588
Porcentagem em relação ao total	23,4%	21,3%

Unicamp convoca 14.911 para provas da segunda fase

DA REPORTAGEM LOCAL

A Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) divulgou ontem a lista com os convocados para a segunda fase do vestibular. Foram chamados 14.911 candidatos.

Isso representa 31,5% dos 47.210 que fizeram a prova da primeira fase. Neste ano, a Unicamp teve 49.585 inscrições para as 2.994 vagas disputadas em 60 cursos.

As notas da primeira fase estarão no site da Convect (www.cconvect.unicamp.br) no dia 5 de janeiro.

A segunda fase começa no dia 15, com língua portuguesa e biologia. No dia 16, é a vez de química e história. Física e geografia serão cobradas no dia 17, e matemática e inglês, no dia 18.

Os locais de prova podem ser consultados no site da Convect. O horário de chegada é às 13h, com fechamento dos portões às 13h45. O resultado está previsto para o dia 9/2. Informações: 0xx19/3788-7932.

Vá a lista dos convocados na **FOLHA ONLINE**
www.folha.com.br/55341

C 4 quarta-feira, 28 de dezembro de 2005 COTIDIANO FOLHA DE S. PAULO

Trânsito Entre motoristas, são os jovens que morrem mais; marginal Tietê é considerada via mais violenta de São Paulo

Idoso é o principal alvo de atropelamentos

VICTOR RAMOS
DA REPORTAGEM LOCAL

O trânsito de São Paulo — que mata em média quatro pessoas por dia — tem como suas principais vítimas os jovens quando estão em carros ou motos e os idosos quando estão fora deles.

Um estudo divulgado ontem pela CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) indicou que, entre os pedestres mortos, 31,5% estão na faixa de 60 anos ou mais. E que, entre as vítimas que estavam nos veículos, 64% tinham de 16 a 30 anos.

Os números são referentes ao primeiro semestre deste ano, quando 714 pessoas morreram devido a acidentes de trânsito. Mais da metade delas (370 vítimas) eram pedestres. O grupo é seguido pelo dos motociclistas, que representaram 20% das mortes no trânsito.

Para o engenheiro Luiz Célio Bottura, ex-presidente da Densa (estatística de rodovias), a explicação para o alto número de mortes entre jovens é "mais sociológica do que técnica".

"Eles estão em uma fase de mais arrojo e, ao mesmo tempo, têm menos experiência de vida. Além disso, como motoristas, os jovens acabam se expondo mais a acidentes de trânsito. E há, além disso, a questão da badalação, do exibicionismo e da bebida alcoólica, que muitas vezes acabam se somando como fatores para que um acidente ocorra".

Sobre o alto índice de atropelamento de idosos, Bottura indicou como um dos fatores a perda de

agilidade que ocorre nessa faixa etária. Além disso, segundo o engenheiro, "o motorista costuma ser muito mal-educado. O problema todo tem início no exame para a retirada da carteira de habilitação. É muito fraco". Ele criticou o fato de a cidade não ser projetada para os idosos (leia texto ao lado).

Sobre o fato de mais da metade das mortes no trânsito serem de pedestres, o engenheiro Claudio Macedo diz que frequentemente o problema tem origem no comportamento das próprias vítimas. "Infelizmente, os pedestres costumam ser muito indisciplinados. Não atravessam na faixa de pedestre nem esperam o farol fechar. Seria importante que houvesse mais campanhas públicas de conscientização", afirmou.

O estudo realizado pela CET também indicou as vias da cidade que registraram mais mortes no primeiro semestre. A mais violenta foi a marginal Tietê, com 28 mortes, das quais a metade foi de motociclistas.

O levantamento apresentado ontem pelo secretário municipal dos Transportes, Fernando Bussinger, e pelo presidente da CET, Rogério Scaringella, teve como fontes dados do DMT e boletins de ocorrência. Segundo eles, os números servem de base para que medidas de prevenção a acidentes sejam tomadas.

Entre as medidas que estão sendo analisadas, está a proibição de que motos possam trafegar na via expressa das marginais. Hoje já existe uma orientação para que os motociclistas andem apenas pelas vias locais delas.

QUEM MORRE MAIS NO TRÂNSITO DE SÃO PAULO
Mortes por tipo de usuário, em %

52% Pedestre
20% Motociclista
19% Condutor ou passageiro
6% Ciclista
3% Sem informação

MORTES DE PEDESTRES DISPARAM EM SP
Total de mortes no trânsito no primeiro semestre de cada ano

O nº de mortes de pedestres cresceu 19%, a maior diferença em relação ao ano anterior desde 2000

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005
370 Pedestres	422	466	405	423	414	370
344 Ocupantes de veículos	440	454	423	363	375	311

VIAS CAMPEãs DE MORTES NO TRÂNSITO
Nº de mortes no 1º semestre de 2005

Via	Nº de mortes
Marginal Tietê	28
Av. Senador Teófilo Vilela	18
Marginal Pinheiros	12
Via Dutra	11
Av. Radial Leste	11
Rod. Raposo Tavares	11

36,8% dos mortos tinham de 16 a 30 anos
31,5% dos pedestres mortos tinham mais de 60 anos

Projeto de cidade não é para idosos, afirma associação

DA REPORTAGEM LOCAL

Para o presidente da Abraspe (Associação Brasileira de Pedestres), Eduardo Daros, um dos fatores que levam a que 31,5% das mortes de pedestres ocorra na faixa acima de 60 anos é o fato de a engenharia de trânsito da cidade ser planejada tendo como base jovens.

"Depois da adolescência, a pessoa fica em plena condição física. É o que eu chamo de figura atlética do pedestre. É a figura, me parece, que os engenheiros usam como protótipo para todo o sistema de transporte e de trânsito. Não se faz [o sistema] para o mais fraco, normalmente é feito para o mais qualificado", afirmou.

Daros disse que é importante que familiares acompanhem os idosos na rua para verificarem se eles estão em condições de caminhar sozinhos. "Assim, pode-se evitar acidentes".

O engenheiro Luiz Célio Bottura disse que "sabe-se há pelo menos 25 anos que a cidade envelhece, mas nunca houve a preocupação em adaptar o seu desenho urbano para isso". (R9)